

Gisela d'Arruda

SABÃO EM MÃO DE LAVADEIRA

Do carvão eu faço a cinza, da cinza faço o sabão, com o sabão eu lavo a roupa da Maria Conceição, cantava um garoto no interior de São Paulo, selando um cavalo nos anos 1960. Quem dera! Mais fácil a Conceição lavar a dele junto com a do dono do cavalo.

Lavadeiras no geral têm pouca sorte na boca do povo. Seu **dia** é o Sete de Setembro, dia *dos tanques e das trouxas*. Mas entranhada na memória popular como o encardido no pano, a figura da mulher lavando na beira do rio só desbota com o tempo.

Em Recife, o *vira-roupa* atrapalhava as mulheres, sujando e roubando cambraias. Ou assim diziam elas quando o rol de roupa não conferia. A atual **Festa da Lavadeira** na mesma cidade parece até homenagem. Não é. Ao evento acorrem músicos famosos, outros menos; coros ou solos de lavadeiras não há, não que falte material. O nome provém da uma imagem de mulher ajoelhada à beira d'água e trazida nos anos oitenta por um escultor para o seu jardim; visível da rua, foi *lida* pelo povo em voz alta como *a lavadeira*, e em voz baixa como imagem de santo ou orixá: flores e velas sempre renovadas enfeitam o lugar. Apesar da proximidade do mar sugerir Iemanjá, note-se que Oxum tem um aspecto de lavadeira em seus mitos. E ambas são mães d'água.

Lavar é tarefa universal o mais das vezes delegada à mulher, como no Brasil. O varão em caso extremo lava: dos primeiros atos registrados da Armada em Porto Seguro foi alguns homens lavarem roupa ao rio Mutari. Nos início da Colônia, os padres notaram que a tarefa entre os tupi-guarani era dos homens; entenda-se que desciam eles ao rio lavar as redes de algodão da família. Mais uns anos e os jesuítas ensinavam as mulheres a cortar, coser e lavar roupas como em Portugal.

Terra essa aliás onde valorizam o trabalho das mulheres, homenageiam a pessoa e registram seus cantos. No Brasil a dificuldade de pesquisar os cantos é imensa: auto-desvalorização das mulheres, sub-valorização de tudo que lhes dizia respeito na visão dos que podiam ter registrado o cantar de criaturas sofrendo de exclusões múltiplas: mulheres, pobres, mestiças, escravas; aparente ausência de cantos temáticos como os de Portugal, como esta quadra alusiva a um rio tão caro aos corações portugueses que deu nome a inúmeros bares e

edifícios deste lado do Atlântico: *ó moças do rio Triste, andai a lavar ao alegre! A água do rio Lima põe a roupa como a neve!* Não há dúvida que as lavadeiras cantassem e cantem, onde ainda existem, mas novo problema vem surgindo, com a crescente evangelização das mulheres e o abandono de toda forma de cultura alheia à da igreja freqüentada.

Os cantos das lavadeiras capixabas têm linda fama. Mas em Praia de Jucu não se achou quem conhecesse sequer um ou indicasse lavadeiras. Pesquisa informal junto a vendedores espírito-santenses de abacaxi no Rio revelou prática quase uniforme da religião evangélica, desconhecimento de cantos próprios ao ofício e relatos de senhoras que *estavam lavando no rio, mas sempre louvando a Deus! e receberam o Espírito Santo ali mesmo.*

As obras dos folcloristas, notadamente os capixabas, omitem o tema. O folclorista Luiz da Câmara Cascudo menciona no verbete *lavadeira* o passarinho alvinegro que voeja à beira d' água. E só. Na pesquisa de campo para *O Cortiço*, Aloysio de Azevedo soube ouvir o bastante para coletar cantiga que não deixou outro rastro: *Maricas tá marimbando, Maricas tá marimbando, Na passage do riacho Maricas tá marimbando.*

Marimbar, de marimbau, ou berimbau, é primeiro tocar o instrumento, em segundo lugar vadiar, diz o *Aurélio*. Maricas, em vez de lavar a roupa, como sugere a presença do riacho, preferiu dar um *mau passo*. A personagem que canta é uma velha mestiça de índio, cachimbo na boca. Suas vizinhas mais novas e urbanas *não sabiam engomar sem cantar*: cantavam os lundus e modinhas que à noite tocavam no cortiço e onde a figura da lavadeira não estaria presente - nem mesmo por alusão à *passage do riacho*.

Mas é do Espírito Santo este canto, não entoado talvez por lavadeiras, mas que as traz até nós: *Cadê o meu lenço branco, lavadeira, que eu dei para lavar? - Não me importo dizer o que se passou: deu uma chuva muito forte e o vento carregou.* Senhoras idosas de comunidades negras ainda o conhecem, e a melodia lembra a de certos jongos.

Embora Câmara Cascudo reproduza só aquela quadrinha, onde é o tal passarinho quem lava a roupa do Menino Jesus, muitas versões mostram a Virgem lavando e estendendo cueiros. *Embala, José, embala que a Senhora logo vem, foi lavar seu cueirinho no riacho de Belém.* Esses acalantos têm inúmeros irmãos na tradição mediterrânea, que nunca viu nada de mais na Mãe lavar a roupa do Filho. Crianças sujam fraldas. Delegar a tarefa ao pássaro já parece coisa mais inspirada na segregação social das casas-grandes. A maioria dos acalantos inclui, como no exemplo acima, um ativo São José, embalando ou estendendo solidário: talvez uma idealização de parceiros de carne e osso bem menos companheiros.

Se em Portugal doutores e homens comuns coligem os cantos de trabalho, e até Dom Diniz, fundador da Universidade de Coimbra, dedicou um longo poema às lavadeiras que avistava

das janelas, no Brasil só mulheres parecem se importar. Um autêntico canto *de lavadeiras* referido pela pesquisadora Hildegardes Viana diz assim: *Você diz que rola pedra, rola pedra nem por isso, no dia que eu tô à toa, rola pedra pra patroa. Você diz que rola pedra, rola pedra nem por isso, no dia que eu tô à toa, rola pedra no serviço.* É o canto das lavadeiras da fazenda Redenção, em Botucatu, SP.

A lavadeira de rio e tanque lava, e lavava, cantando, sempre; sejam lundus, jongos, toadas ou louvações a Jeová. Onde o clima ajudava e a tradição local permitia, lavava seminua. Até pouco tempo, em regiões de forte tradição indígena, as lavadeiras desnudavam pelo menos a parte de cima do corpo, fosse no Ceará, no Piauí, ou no Pará onde por volta de 1940 em Belém registrou o poeta Álvaro da Cunha mulheres lavando a roupa da cidade à beira do rio, sem camisa ou porta-seios, a supor que usassem um. À beira do rio, ajoelhadas, não de pé dentro dele: a posição varia com a topografia e a tradição local. Da Cunha (*Pássaro de Chumbo*) dedicou um poema à parteira Mãe Luzia, também robusta lavadeira seminua em seus cinqüenta anos. Mãe Luzia *nunca perdia um parto e aparou* em seu tempo meia Belém. Hoje há uma maternidade com seu nome; o poeta homenageou antes disso as suas mãos capazes e o seu tronco moreno e molhado.

Importa perceber, além do cartão-postal colorido, o que em profundidade estamos vendo: uma categoria regida por leis que só a ela se aplicam, leis não escritas derivadas de uma lógica incontornável, e diversas senão contrárias à lei que rege as ruas. Caminho d'água, o rio tem outras leis, nadem iaras no fundo ou lavem mulheres nas margens.

Talvez por não lavarem em rio as lavadeiras que Pancetti* retratou nas então intactas lagoas de Abaeté se mantivessem tão cobertas. O fulgor da areia branca abrasaria a pele longamente exposta. Não há melanina que proteja do reflexo do quartzo aquecido. Seria a técnica dos homens azuis do Saara.

Cabe dizer que os tempos mudam devagar e as Igrejas pentecostais se multiplicam: hoje no interior do Ceará ainda se lava no rio, mas se está ainda que sucintamente vestida.

Ervas ajudavam a deixar a roupa limpa em tempos de sabão de sebo e cinzas, escuro e gorduroso. Ainda existe em lugares remotos como o Quilombo de São José, RJ, onde poucas ainda o empregam mas todas descobriram que os raros visitantes adoram levar de lembrança. Com ele, se *batia barrela*. A barrela até hoje vive na boca do povo como sinônimo de coisa vagabunda. *Um amigo barrela, uma aula barrela*. Filha das caprichadas *decoadas* mediterrâneas, a barrela no Brasil era malcheirosa e perigosa, acrescida com frequência de químicas corrosivas. Mas permitia lavar no frio, na chuva, e com cólicas. Mulher *em seus dias* não ia e nem vai ao rio. Permitia à mulher idosa lavar, e a quem não podia deixar o lar

por ter filho pequeno incapaz de brincar perto d'água com segurança. Mesmo na tina acanhada, cada uma acrescentava algum tempero seu. A folha mais representativa qualquer que fosse o ambiente é *Momordica charantia*, o melão-de-são-caetano, uma cucurbitácea como os melões de ir à mesa, e tão usada em lugar do sabão que o outro nome era **erva-das-lavadeiras**, tendo ainda hoje farto uso medicinal. A análise detectou saponina só nos *frutos*, mas a *rama* se usava inteira e surtia bom efeito.

Hildegardes Viana observou mulheres lavando nas fontes baianas e usando folhas das quais algumas estavam em uso nos lavadouros e rios observados por Jean-Baptiste Debret no Rio de Janeiro: "*rama de melão-de-são-caetano, folha de mamoeiro* [essa para certas manchas], *folha de bilreiro, folha de quitoco* [...] *além do patchuli para ajudar a tirar o sujo. [...] Fervura com patchuli deixava a roupa cheirosa, mas separava casais; com quitoco esfriava as naturezas dos rapazes; com bilreiro, afastava os olhos maus e os sonhos ruins.*" Como o patchuli tem fama moderada de afrodisíaco e de *chamar amores*, as lavadeiras antecipavam as conseqüências para os fregueses.

Para tirar mancha usava-se suco de limão, fava de biri (*Canna indica*, comum nos jardins) sendo que esta estragava a roupa em pouco tempo- lavadeira séria não usava. No Rio de Janeiro, o que o ouvido de Debret captou como *timbubu*, ou a boca da moça africana articulou: **timbaúba**, *Stryphnodendron guianensis*, leguminosa tropical cuja casca se aproveita em curtumes. O nome deriva do tupi *timbo 'twa*, "árvore da espuma"; espuma aproveitada pelas moças em seu labor. Nesta área e noutras, os africanos tiveram de adaptar o vasto conhecimento de folhas que traziam, às plantas que aqui encontraram.

Debret, Moritz Rugendas, Thomas Ender e outros viajantes do tempo dos escravos deixaram testemunho precioso deste saber desprezado pelos senhores das mansões onde se hospedavam. Gravuras e relatos pintam um quadro bastante exato. Encontrando-os *muito superiores aos da Europa*, Debret elogia a arte e o capricho das mulheres, em seu tempo sempre escravas de casas ou de ganho. Rugendas reproduziu variada coleção de utensílios: batedor de roupa, tinas, tacho de goma e vemos uma lavadeira branca* em meio às escravas, todas de canelas metidas ao rio: uma portuguesa lavando para a família? Só Debret menciona bosta de cavalo, alternativa às ervas que fixavam as cores, e pintou a apanhadora de bosta fresca* ao lado das companheiras lavando e quarando. Nem sempre se acham todas as ervas, sempre se acha bosta de cavalo. Não fixar as cores, em tempos que a roupa não chegava com o excesso da tintura retirado industrialmente, levaria a manchar as outras peças na manipulação, com conseqüências desagradáveis para todas as partes e principalmente para as escravas lavadeiras.

Com as cidades crescendo, tornou-se necessário construir tanques para as lavadeiras. Ainda por muito tempo escravas, por vezes escravos, lavavam a qualquer hora -devemos lembrar que havia mais procura do que espaço disponível- e o ruído dos batedores soltando a sujeira do pano era trilha sonora noturna - de dia não se chegava a notar senão de perto. Com a modernização urbana, os grandes tanques da Carioca foram demolidos e o Império e a República empurraram a cada vez mais os tanques e a quem os pilotava para os cortiços e em seguida as favelas, num movimento contínuo de varrer para debaixo do tapete aquilo que não se desejava ver. O tanque do Largo do Moura, perto do porto, e erguido em 1794 pelo vice-rei, desapareceu em 1903 junto com o largo para dar lugar ao Mercado novo. No Largo, os poderes públicos haviam erguido primeiro a forca, depois o necrotério; era o lugar onde capoeiras aprendiam a arte e a exerciam em batalhas famosas, onde se armavam picadeiros de circo, onde soldados encontravam prostitutas, e onde lavadeiras da Saúde e Gamboa aproveitavam a freguesia das mulheres e dos navios atracados. Exatamente por isso eram mal vistas e tidas como parte integrante da poluição urbana, rótulo irônico para quem ganha a vida tornando limpo o sujo.

Em cidades menores os tanques centrais permaneceram mais tempo e em muitos casos ainda se encontram nas praças. Um bom exemplo é o de Papari, no Rio Grande do Norte, a poucas horas de Natal. O espaço reservado às lavadeiras costumava ser nas laterais: a área da frente era para beber e encher vasilhas. Quando o rio era caudaloso, algumas casas conseguiam alimentar uma cacimba própria com a água que banhava o quintal da família, instalavam um tanque, e a roupa suja se lavava literalmente em família.

Permaneceram alguns tanques esquecidos em capitais como o Rio de Janeiro. Alguns são chafarizes polivalentes como o da Glória (agora recuperado) e o da rua do Riachuelo (do tempo da Colônia, e que aguarda igual sorte). Não eram espaços concebidos para lavar roupas embora não deva ter faltado quem deles fizesse esse uso, gerando brigas. Acontecia também da roupa se estender em plena rua para corar antes do enxágüe final, seja em varais coletivos seja, em locais tranquilos, direto no pé-de-moleque do calçamento, como se observa em fotografia que Marc Ferrez tirou do Largo da Mãe do Bispo. Não raro os guardas precisavam intervir em disputas por espaço ou furto de peças. Esse espaço era vital: embolar, amassar peças alheias molhadas e cheias de sabão podia mofar o pano: prejuízo sério, e sendo roupa de fregueses, pior ainda.

Já o tanque da rua Fonte da Saudade, várias vezes modificado e por fim demolido, devia o nome às lavadeiras portuguesas que ali cantavam, segundo o historiador Milton Teixeira. Contruído principalmente para a lavagem de roupa, possuía em posição frontal o *tanque da*

lavadeira. Prefeitos sucessivos sentiram a necessidade de *modernizá-lo* mais e mais, transformando uma encantadora construção de alvenaria em simples bica, hoje engolida por um dos condomínios daquela rua.

Ninguém se preocupou em anotar o que as saloias cantavam à beira da Lagoa de Sacopã; mas elas vivem ainda em provérbios e ditados, alguns aqui mencionados. Leonardo Motta recolheu adágios como *Não tenho nada com o sabão e sim com a roupa lavada!* (só me interessa o resultado final, não quero saber de explicações) e "*estar no rio*", significando *estar na mão da lavadeira*. Para o universal *Roupa suja se lava em casa* Leonardo Motta fornece traduções em cinco idiomas; não parece ter conhecido o machista *Vai lavar um tanque de roupa* que aos poucos cai em desuso. Pesquisando ao vivo ou em adagiários, encontrará o leitor outros ditados, como o que dá nome a este artigo.

Ilustrações sugeridas:

Jean-Baptiste Debret, *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, 2º tomo, pranchas 24 e 48. (48) Às portas do Rio Antigo, lava-se e apanha-se bosta para deixar clara a roupa. (24) *Casa de Ciganos*: escravos ainda crianças ajudam as lavadeiras à beira do poço, e no fundo as *peças* recém-chegadas da África, alinhadas como jarras, aguardam serem vendidas.

(Johann Moritz) **Rugendas**, *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, prancha 4/11. O escravo homem pode ter vindo transmitir recado, apanhar ervas ou frutas ou apenas conversar.

Thomas Ender, gravura 705, *Chafariz do Largo do Moura*; percebem-se lavadeiras em atividade no alto dos degraus; um bebedouro permite dar água às bestas sem ter de buscá-la ao chafariz.

Almeida Jr, *as Lavadeiras*, São Paulo, coleção particular: cabeça coberta por panos vermelhos, a cor que melhor protege do sol, mulheres vestidas lavam direto no rio procurando molhar-se pouco, enquanto peças já lavadas quaram ou secam

Pancetti, *Lagoa do Abaeté*; aguardando que as peças sequem, facilitando a viagem de volta, lavadeiras se protegem do sol com chapéus de palha e bastante roupa.

Sugestão de leituras:

Jean-Baptiste Debret, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil

(Johann Moritz) *Rugendas, Viagem Pitoresca Através do Brasil*

Memória sobre a Fundação e Custeio de uma fazenda na Província do Rio de Janeiro, Barão do Paty do Alferes, seleção de Thalita de Oliveira Casadei, *Tribuna de Petrópolis*, viii-2000.

Hildegardes Vianna, *As Lavadeiras faziam assim*, **Jangada 2000**, Bahia.

Cancioneiro Popular Português, coligido por José Leite de Vasconcelos, Universidade de Coimbra, 1983.

Sobre texto e autora

O artigo resume ensaio meu ainda inédito sobre o tema, *Um Tanque de Roupa*, à procura de editora. Estudei História na Sorbonne, Paris, até a *licence*, lecionei francês e História durante anos e hoje trabalho com a arte da cura e pesquiso ervas e folhas. Tenho um livro publicado sobre o tema, *Sinais de Vida*. Durante esse tempo todo, tenho lavado roupa, o que acabou me inspirando...

Além do mencionado e entre outros trabalhos, está para sair pela editora Pallas a não-ficção *Umbanda Gira*. Mantenho o blog www.caminhodasfolhas.com sobre folhas, saúde holística, ecologia e Umbanda.

RESUMOS:

Lavadeiras no Brasil cantam para ouvidos moucos. Pouco valorizadas, ao contrário das suas irmãs de Portugal, nem os folcloristas se lembraram de coligir os seus versos. Os chafarizes construídos para elas foram postos abaixo, fossem eles no centro do Rio ou em áreas mais pacatas: mulher lavando era algo que o poder não queria ver. Visitantes estrangeiros como Debret e Rugendas felizmente documentaram a profissão com era em seu tempo. De brasileiros, para registrar métodos, hábitos e ervas usadas, só raríssimas pesquisadoras mulheres.

Brazilian washerwomen sing while they work, but nobody appears to listen, nor do researchers write down their songs. Their sisters in Portugal are luckier. Public fountains where they used to work have been pulled down: the Powers that Be do not wish to be reminded of them, both female and poor. Only very few researchers, always women, have bothered to study their methods and habits, and the herbs they have used.